

FOCO NO ETERNO

Paulo guiou os coríntios a ponto de apresentar a esses leitores uma de suas declarações mais profundas sobre a esperança cristã; uma avaliação otimista. A vida neste mundo não é totalmente infeliz; Cristo já habita naqueles que responderam ao Seu chamado para a vida eterna. A “vida de Jesus”, disse Paulo, “se manifesta em nossa carne mortal” (4:11). Ainda assim, o deus deste século cobra um tributo. Junto com a satisfação que acompanha a comunhão com Cristo, a vida neste mundo inclui a luta contra o pecado. O mais dedicado crente luta com a perda de entes queridos, o impulso para pecar e a decepção com seus semelhantes.

A vida na terra tem um fim. Cristo oferece bênçãos neste mundo, mas, no outro mundo, oferece muito mais bênçãos e galardões. Tal como Deus “ressuscitou o Senhor Jesus”, garantiu o apóstolo aos seus leitores, Ele “também nos ressuscitará” (4:14). A unidade com Cristo se consumará na vida futura.

O ano anterior à redação da Epístola de 2 Coríntios envolveu Paulo num turbilhão de tribulações. Ele havia descrito seus sofrimentos como uma “leve e momentânea tribulação” (4:17); mas a maioria dos cristãos não classificaria as provações de Paulo como leves nem momentâneas. No pensamento de Paulo, a morte em Cristo seria igual à vitória, um “eterno peso de glória, acima de toda comparação” (4:17). Por ora, Paulo e os que partilhavam da fé em Jesus estavam lidando com questões relativas à vida e à morte. O pecado e o sofrimento pertencem à transitoriedade deste mundo, “mas as coisas que se não veem são eternas” (4:18). Era chegada a hora do apóstolo focar as coisas eternas. Seus pensamentos no capítulo 5 não eram comentários incidentais isolados do contexto; vinham no fim, após uma sequência de

considerações.

Apesar de Paulo apresentar notáveis revelações sobre o mundo vindouro, os leitores não devem ignorar as limitações que ele mostrou que estava enfrentando. As promessas no texto são poucas, mas são substanciais. Inicialmente, Paulo disse que a vida com Cristo será eterna. Depois, falou de uma transformação que ocorrerá na morte porque o mortal não pode herdar a imortalidade (1 Coríntios 15:50). E também insistiu que a vida na era por vir será num corpo. Ter um corpo, em si, não é um empecilho para a felicidade eterna. Os cristãos devem se alegrar em saber destas certezas: o Senhor voltará, haverá o julgamento final e a vida eterna com Cristo será o maior bem.

**“TEMOS DA PARTE DE DEUS UM EDIFÍCIO”;
“NOSSA HABITAÇÃO CELESTIAL” (5:1–5)**

¹Sabemos que, se a nossa casa terrestre deste tabernáculo se desfizer, temos da parte de Deus um edifício, casa não feita por mãos, eterna, nos céus. ²E, por isso, neste tabernáculo, gememos, aspirando por sermos revestidos da nossa habitação celestial; ³se, todavia, formos encontrados vestidos e não nus. ⁴Pois, na verdade, os que estamos neste tabernáculo gememos angustiados, não por querermos ser despídos, mas revestidos, para que o mortal seja absorvido pela vida. ⁵Ora, foi o próprio Deus quem nos preparou para isto, outorgando-nos o penhor do Espírito.

Versículo 1. Esta passagem é importante para nós, cristãos, compreendermos a transição da morte física para a subsequente vida eterna. O texto grego começa com a conjunção γάρ (*gar*, que significa “portanto”), indicando que Paulo não estava

fazendo afirmações isoladas, e sim relacionando-as com os versículos anteriores. O apóstolo não se limitou a uma consideração das “coisas que se veem” (4:18), porque ele sabia o significado da morte e ressurreição de Cristo. Depois que o corpo terreno morrer, o remido receberá **da parte de Deus um edifício, casa não feita por mãos, eterna, nos céus.**

Paulo mencionou **casa terrestre deste tabernáculo** para se referir à parte física de um ser humano. A “casa... deste tabernáculo” é o corpo físico¹. O uso do pronome da primeira pessoa do plural é importante. O apóstolo estava conduzindo seus leitores crentes à expectativa do fim da vida.

A palavra grega traduzida por **se desfizer** é *καταλύω* (*kataluō*). Geralmente significa “destruir”; mas como Paulo estava usando “casa” como uma metáfora para o corpo humano, “desfazer-se” ou “destruída” (NVI) se adequa bem ao contexto. As provações e o medo da morte iminente que assolavam o apóstolo nos últimos tempos (1:8, 9) contribuíram, sem dúvida, para sua reflexão sobre a vida no mundo vindouro. Quando os cristãos enfrentam perigo ou quando a doença ameaça abreviar-lhes a vida, os pensamentos geralmente se voltam para a eternidade.

A existência celestial, segundo o texto, envolverá uma presença corpórea. Isto implica que o universo material não pode ser igualado ao mal. No princípio, Deus olhou para Sua criação e anunciou que tudo era “muito bom” (Gênesis 1:31). Ainda assim, Paulo afirmou que os corpos físicos desta vida não são do mesmo tipo que os corpos que teremos no mundo vindouro. “O que é perecível”, disse ele, não pode “herdar o imperecível” (1 Coríntios 15:50; NVI). Um corpo que sofreu uma doença incapacitante ou foi desmembrado não impedirá que Deus recrie, no seu lugar, um corpo celestial incorruptível ou imperecível.

Quando Paulo se referiu ao corpo humano como uma “casa terrestre deste tabernáculo” (*ἐπίγειος... σκηνούς*, *epigeios... skēnous*), ele não usou a palavra comumente traduzida por “tabernáculo” ou “tenda” no Novo Testamento, *σκηνή* (*skēnē*). A flexão *skēnos* só ocorre aqui e em 5:4. Na LXX e na literatura secular, essa forma raramente é usada. Quando aparece, refere-se consistente-

¹ Victor Paul Furnish sugeriu que as palavras de Jesus em Marcos 14:58 podem ter influenciado Paulo a usar a metáfora. (Victor Paul Furnish, *II Corinthians*, The Anchor Bible, vol. 32A. Nova York: Doubleday, 1984, pp. 264–65.)

mente ao corpo humano. O “edifício [da parte de Deus], casa não feita por mãos” é o corpo ressurreto do crente. Esta passagem, assim como 1 Coríntios 15, mostra a vida na era vindoura como uma existência corpórea. Em corpos recém-criados por Deus, os salvos habitarão nos céus, onde Deus está. Deus habita em algum local fora do espaço/tempo do mundo. Qualquer especulação adicional sobre o fim dos tempos, ou sobre acontecimentos que anteciparão o fim, é inútil.

O ensino do Novo Testamento sobre a volta do Senhor motiva os cristãos a levarem uma vida santa. Por essa razão, a segunda vinda deve sempre ser vista como uma possibilidade atual. Os cristãos vivem com os olhos fitos no horizonte; avaliando as lutas desta vida à luz da esperada volta de Jesus. Philip Edgcumbe Hughes propôs:

Este sempre foi um poderoso estímulo para se ter uma vida santa: não saber nem o dia nem a hora da vinda do Noivo; sendo, portanto, um evento sempre iminente para a Igreja; é sempre provável que a morte [do crente] seja evitada pela parousia [vinda] de Cristo; e, de acordo com a admoestação de nosso Senhor para vigiar, devemos viver agora e cada momento como gostaríamos de ser encontrados no súbito instante da Sua volta ou, se Ele tardar, na hora da nossa morte.²

Versículo 2. Pouco tempo atrás, Paulo havia experimentado perseguição, dor e sofrimento (1:8). **Neste tabernáculo, gememos**, disse ele (veja Romanos 8:18–23)³. A **aspiração** do crente é deixar o corpo desta carne e ser **revestido da nossa habitação celestial**, a fim de estar com o Senhor para sempre. A morte física, o despojamento do corpo da carne, é um inimigo em certo sentido; mas, em outro sentido, é uma transição gloriosa para uma vida gloriosa com Deus (1 Coríntios 15:55). O uso do pronome da primeira pessoa no plural tira a mensagem de Paulo do âmbito abstrato. Ele mesmo e seus leitores ansiavam pela habitação celestial.

John Gillman fez comparações úteis entre as perspectivas de Paulo nesses versículos e em 1 Coríntios 15. Ele propôs que, em 2 Coríntios 5:2 e 4, “o composto ‘sermos revestidos’ [*ἐπενδύομαι*, *epen-*

² Philip Edgcumbe Hughes, *Paul's Second Epistle to the Corinthians*, The New International Commentary on the New Testament. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1962, p. 161.

³ Paulo usou o verbo *στενάζω* (*stenazō*, “gemer”) em 2 Coríntios 5:2, 4 e Romanos 8:23. Outros livros em que o termo ocorre são: Marcos 7:34, Hebreus 13:17 e Tiago 5:9.

duomai] implica uma espécie de camada de roupa que recebe uma nova camada nova". E acrescentou:

Assim como [ἐνδύω, "revestir-se"] em 15:53 significa vestir "este corpo corruptível... mortal" com a capa da imortalidade e da incorruptibilidade, ἐπενδύω em 5:2 e 4 indica que o crente veste por cima da casa terrestre deste tabernáculo a habitação celestial.⁴

A sugestão é que existe continuidade entre os corpos físicos que os cristãos conhecem na terra e os corpos eternos do céu. A natureza dessa continuidade é incerta e pode referir-se apenas a uma identidade espiritual.

O apóstolo misturou metáforas livremente ao comparar o corpo da ressurreição ora com uma nova habitação, ora com novas vestes. O fator comum em 1 Coríntios 15 e em 2 Coríntios 5 é a vida eterna numa forma corpórea. Neste quesito, Paulo não apresentou variações. Em outras passagens, o apóstolo parece assumir o fato de que, na era por vir, os redimidos viverão eternamente em corpos renovados pela ressurreição semelhantes ao do Senhor Jesus (Filipenses 3:21). Isto é tudo o que podemos dizer sobre este tema.

Versículo 3. O desejo de Paulo de estar "vestido" e não ser encontrado "nu" indica que a perspectiva de existir como um espírito destituído de corpo não lhe era atraente. Ele retratou a vida eterna como uma existência em algum tipo de corpo. É difícil imaginar a vida no mundo vindouro sem um corpo, se vamos continuar a ter uma consciência individual. Será que uma existência sem corpo teria limitações de espaço? Se vamos sustentar a vida dentro de determinadas dimensões, a possibilidade é que o espírito terá algum tipo de corpo.

Paulo estava familiarizado com os pensamentos do Antigo Testamento, e Israel não concebia a ideia de um corpo físico habitado por um espírito. Para eles, o espírito e o corpo eram um: existir era existir como um corpo (1 Samuel 28:14). Paulo disse que os corpos renovados pela ressurreição serão diferentes dos que temos neste mundo, mas serão corpos. Ele disse: **se, todavia, formos encontrados vestidos [do corpo da ressurreição] e não nus.**

Outra pergunta que surge é: "Será que os redimidos habitarão com Cristo num estado destituído

de corpo após a morte do corpo terreno, antes da volta do Senhor?" Isto parece estar implícito em Filipenses 1:23: "...tendo o desejo de partir e estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor" (veja Lucas 23:43). A vida eterna no corpo da ressurreição começará com o soar da última trombeta. Se a existência entre a morte e o fim dos tempos envolve estar consciente sem um corpo, todas as perguntas sobre essa existência sem corpo (ou existência numa forma espiritual) ainda precisam ser explicadas. Paulo não respondeu perguntas sobre essa existência. James Thompson explicou:

Paulo não faz distinção aqui entre o momento da morte e a segunda vinda de Cristo. Ele não está preocupado com o fato de existir ou não um estado intermediário dos mortos. Ele está falando da situação final do povo de Deus. Seu objetivo é oferecer esperança aos coríntios que perguntaram sobre a morte.⁵

Paulo só afirmou que não haverá separação de Cristo. Quando um crente obediente morre, ele vai estar com Cristo. Se o crente existirá ou não em um corpo até a volta do Senhor continua sendo um mistério.

Duas perguntas exegéticas relativas a 5:3 devem ser abordadas. A expressão **se, todavia** traduz duas partículas gregas, εἴ γε (*ei ge*). Um renomado léxico propõe esta tradução do versículo: "...presumindo, é claro, que não seremos encontrados nus depois de termos nos despojado (da habitação terrena)"⁶. A expressão *ei ge* é assim traduzida por "presumindo, é claro, que", defendendo que, nesse caso, o tradutor precisou se esforçar para captar em palavras o que o falante de grego indicaria com uma alteração no tom de voz⁷. Essa é uma boa tradução, porém as opções mais comuns, "se, todavia", "se, de fato" (NAA), não seriam muito diferentes. Talvez "se, então" seja a melhor alternativa.

A segunda pergunta se refere a uma variante de "formos encontrados vestidos". Alguns textos antigos usam o particípio ἐκδυσόμενοι (*ekdusomenoi*, "tendo se despido/despojado"), porém há boas evidências em manuscritos que favorecem

⁵James Thompson, *The Second Letter of Paul to the Corinthians*, The Living Word Commentary. Austin, Tex.: R. B. Sweet Co., 1970, p. 74.

⁶Walter Bauer, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, 3a. ed., rev. e ed. Frederick William Danker. Chicago: University of Chicago Press, 2000, p. 190.

⁷Ibid.

⁴John Gillman, "A Thematic Comparison: 1 Cor 15:50-57 and 2 Cor 5:1-5", *Journal of Biblical Literature* 107. Setembro de 1988, p. 452.

o texto alternativo ἐνδυσάμενοι (*endusamenoí*, “tendo se vestido”). O texto grego das Sociedades Bíblicas Unidas⁸ coloca *ekdusamenoí* (“tendo se despido/despojado”) no texto e *endusamenoí* (“tendo se vestido”) em uma nota de rodapé. A versão inglesa NRSV, cuja tradução é “quando tivermos nos despido”, segue o texto grego das SBU, ao passo que a ARA, a NVI e a KJA seguem o outro texto original. Se Paulo escreveu o primeiro texto, ele estava se referindo ao despojar-se do corpo físico; se ele escreveu o segundo, estava se referindo ao revestir-se do corpo espiritual. O sentido é apenas um pouco diferente, sendo o significado o mesmo, com base nas perspectivas opostas de despir-se do velho e revestir-se do novo.

Versículo 4. Entre os filósofos gregos e romanos que especulavam sobre esses assuntos, a nudez – isto é, estar livre de um corpo na morte – era considerada desejável⁹. Na visão de Paulo, estar nu de corpo era inaceitável. No corpo da carne, os cristãos participam juntamente com os não crentes dos fardos da dor física, das inquietações emocionais, das incertezas e da ignorância. Habitar **neste tabernáculo** é viver todas essas experiências. **Angustiad**os como todo os seres humanos, os cristãos **gemem** (στενάζω, *stenazō*), termo usado em 5:2. Todavia, os crentes não gemem com a perspectiva de se livrarem da existência física; antes, ansiavam pelo tempo em que o corpo presente será reformado por Deus e revestido de outro corpo. Os cristãos não querem estar **despidos, mas revestidos**, termo que Paulo também usou em 5:2: *ependuomai*, “revestir”. A palavra sugere continuidade entre o corpo conhecido neste mundo e o corpo celestial. C. K. Barrett traduziu assim a expressão: “revestir o nosso corpo da habitação que vem do céu”¹⁰. Consequentemente, o que é **mortal** será **absorvido pela vida**. Nesse futuro corpo ou “casa eterna, nos céus” (5:1) não haverá o sobrepeso de fardos. Ele se renderá completamente a uma natureza eterna.

Os fardos, os sofrimentos e as preocupações terrenas serão deixados para trás quando adentrarmos o reino celestial. O cristão herdará o novo corpo dado na ressurreição, depois que o corpo de origem terrena estiver decomposto. Em Cristo, a

morte do corpo físico significa que a morte será absorvida pela vida. Esta última frase é semelhante a 1 Coríntios 15:54: “E, quando este corpo corruptível se revestir de incorruptibilidade, e o que é mortal se revestir de imortalidade, então, se cumprirá a palavra que está escrita: Tragada foi a morte pela vitória”. O fim deste versículo é uma citação de Isaías 25:8. Em 2 Coríntios 5:4, “vida” (τῆς ζωῆς, *tēs zōēs*) está no lugar da palavra “vitória” (νίκος, *nikos*) em 1 Coríntios 15:54.

Versículo 5. A ideia de ser revestido por Deus na ressurreição era, para Paulo, uma realidade, não um mero desejo. Paulo disse que **o próprio Deus quem nos preparou para isto**, ou seja para esse propósito. Pela graça divina, o poder do pecado foi destruído. Por intermédio de Cristo, Deus propôs que a mortalidade da carne fosse “absorvida/tragada pela vida” (5:4). A redenção do pecado aguardava a plena consumação do reino de Deus, mas a herança do crente não está toda e somente no futuro. Por meio da nova criação, Deus já começou a trazer a vida eterna para o Seu povo. Os escolhidos já foram purificados do pecado e estão sendo preparados para o tempo em que a morte irromperá em vida.

Caso houvesse alguma dúvida sobre a obra de Deus, Paulo convidou os coríntios a refletirem sobre o Espírito Santo que neles vivia. Pela segunda vez na carta, o apóstolo usou a palavra *arrabōn*¹¹ (“penhor, selo, garantia”) como uma metáfora para o Espírito. O Espírito é um selo, um penhor, uma garantia de autenticidade. Anteriormente, Paulo havia usado a mesma palavra para dizer que o Espírito nos “selou” (1:22); Deus **nos outorgou** [deu] **o penhor do Espírito** (1:22; 5:5). Aqui, ele foi mais além, dizendo que o Espírito é a garantia divina de que Ele nos preparou para a união eterna com Ele no céu¹². Em outro texto, Efésios 1:13 e 14, o apóstolo se referiu à palavra do Espírito Santo como uma garantia das coisas por vir.

Embora as metáforas de Paulo não devam ser interpretadas muito além da aplicação, *arrabōn* retrata o crente dotado de algo a oferecer ou vender. Nesse imaginário, Deus é o cliente, desejando a alma do crente. Ele efetuou um depósito ou sinal de entrada, como promessa do pagamento integral. Esse pagamento integral será a redenção final

⁸ *The Greek New Testament*, 4a. ed., ed. Barbara Aland, et al. Stuttgart: United Bible Societies, 1998.

⁹ C. K. Barrett, *The Second Epistle to the Corinthians*, Harper’s New Testament Commentaries. Nova York: Harper & Row, 1973, p. 156.

¹⁰ *Ibid.*, p. 155.

¹¹ Gênesis 38:18 usa o equivalente hebraico, *‘erabon*.

¹² Veja em 2 Coríntios 1:22 e Efésios 1:14 o Espírito como *arrabōn*. Veja em Romanos 8:23 o Espírito como “primícias” (“primeiros frutos”; NVI).

do corpo, a absorção da morte pela vida, quando o Senhor voltar. Para o crente, a presença do Espírito inclui o seguinte:

1. um antegozo da vida em comunhão com Deus, o qual será consumado quando o Senhor voltar;
2. um fator motivador para quem assume o estilo de vida que o Espírito exige;
3. uma presença fortalecedora para o crente fazer a vontade de Deus e
4. uma garantia (“selado”; 1:22) de que o pagamento total de Deus consistirá de bênçãos abundantes. As glórias que Deus reservou são mais excelentes do que o crente pode imaginar.

NO CORPO, AUSENTES DO SENHOR (5:6–10)

Aproximadamente cinco anos antes de escrever esta carta aos coríntios, Paulo havia escrito a Primeira Epístola aos Tessalonicenses. Naquela época, a igreja em Tessalônica era bem nova. Os tessalonicenses tinham entendido que, segundo Paulo, a volta do Senhor estava próxima – porém, Paulo não definiu quão “próxima” seria. Em certo sentido, os cristãos de Tessalônica não estavam equivocados. A expectativa da segunda vinda faz parte da vida em Cristo, mas o mal-entendido dos tessalonicenses fez com que a expectativa da volta do Senhor se tornasse uma obsessão entre eles. Paulo, então, advertiu-os dizendo que o cristão que negligenciasse a vida familiar, o trabalho ou outras rotinas diárias necessárias porque esperava que o Senhor aparecesse logo estava indo além do que ele havia ensinado. A expectativa da volta do Senhor não devia ser usada como fuga das responsabilidades da vida. Em sua carta aos tessalonicenses, Paulo esperava pôr fim a esse tipo de zelo pela volta do Senhor sem diminuir a urgência de uma vida piedosa.

Quando escreveu à igreja de Tessalônica, Paulo não estabeleceu uma data para a volta do Senhor; mas disse-lhes que vivessem sempre preparados. Alguns irmãos presumiram que a volta de Jesus estava tão próxima que todos estariam vivos para recebê-lo. Depois disso, viram morrer alguns irmãos. Entenderam que o Senhor chamaria para Si os cristãos que estivessem vivos quando Ele voltasse – mas e os mortos? Paulo esclareceu o assunto! “Os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro”, disse ele. “Depois, nós, os vivos, os que ficarmos,

seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares” (1 Tessalonicenses 4:16, 17).

De qual grupo – os que morrem em Cristo ou os que ainda estarão vivos no momento da volta de Cristo – Paulo esperava fazer parte? Ele escreveu: “nós, os vivos, os que ficarmos até à vinda do Senhor, de modo algum precederemos os que dormem” (1 Tessalonicenses 4:15). Com essas palavras, Paulo se incluiu entre os vivos. Se Paulo tivesse escrito: “Os cristãos que estiverem vivos não precederão os que dormem”, estaria se colocando entre os mortos na volta do Senhor. Assim, os irmãos tessalonicenses provavelmente teriam concluído que a morte de Paulo era um pré-requisito para a volta do Senhor.

Porque Paulo não quis deixar a impressão de que o Senhor iria voltar somente após a sua morte, ele mediu as palavras com cautela. O apóstolo não sabia se o Senhor voltaria antes ou depois de sua morte. Ele pode ter se incluído entre os vivos apenas porque ainda estava vivo. Provavelmente, nada mais misterioso está por trás de suas palavras. No entanto, a maioria dos leitores da carta interpretou que a declaração de Paulo significava que ele esperava estar vivo quando chegasse o fim dos tempos e o Senhor aparecesse ao som de uma trombeta. As palavras do apóstolo certamente poderiam ser interpretadas dessa forma, mas essa não é a única maneira razoável de entendê-las.

Suponhamos que, enquanto escrevia 1 Tessalonicenses, Paulo esperava que o Senhor voltasse antes de sua morte, porém, com o passar dos anos, ele talvez tivesse mudado de ideia. Quatro ou cinco anos após escrever 1 Tessalonicenses, o apóstolo redigiu a carta que denominamos “1 Coríntios”. Pouco antes do encerramento dessa carta, ele mostrou que acreditava na ressurreição corpórea e mencionou, rapidamente, a volta do Senhor: “os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados” (1 Coríntios 15:52; grifo meu). Nessa hipótese, quando escreveu 1 Tessalonicenses, o apóstolo teria pensado que ele estaria entre os vivos quando o Senhor voltasse. E quando escreveu 1 Coríntios, ele, pelo menos, levou em conta a possibilidade de estar entre os mortos que seriam transformados quando Cristo voltasse.

Em 2 Coríntios, vemos que eventos traumáticos e que punham em risco a sua vida, continuaram a acontecer a Paulo. Nessa carta, o apóstolo escreveu novamente sobre a volta do Senhor. Algumas das

coisas que ele disse sugerem que a perspectiva de morrer fisicamente antes da volta do Senhor foi se tornando mais real para ele. As palavras desse incansável pregador são importantes para todo cristão que vive com a expectativa de que o Senhor voltará à terra do modo como a deixou (Atos 1:11).

A expectativa da segunda vinda de Cristo e o cálculo da hora exata desse evento são assuntos diferentes. Manter a expectativa de que haverá um julgamento não é o mesmo que ficar obcecado por encontrar pistas em acontecimentos atuais que indiquem quando será o julgamento final. Cristo “aparecerá segunda vez... para salvação” (Hebreus 9:28). A verdade sobre a Sua volta está nas Escrituras; esta é uma certeza. Porque Ele voltará, os cristãos devem ser um povo santo (2 Pedro 3:11). Todos os crentes obedientes que tiverem morrido antes da Sua volta e todos os que estiverem vivos para saudá-LO participarão igualmente da bênção.

6Temos, portanto, sempre bom ânimo, sabendo que, enquanto no corpo, estamos ausentes do Senhor; 7visto que andamos por fé e não pelo que vemos. 8Entretanto, estamos em plena confiança, preferindo deixar o corpo e habitar com o Senhor. 9É por isso que também nos esforçamos, quer presentes, quer ausentes, para Lhe sermos agradáveis. 10Porque importa que todos nós compareçamos perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o bem ou o mal que tiver feito por meio do corpo.

Versículo 6. Já tendo suportado tribulações por causa de Cristo, Paulo não estava reclamando das circunstâncias. Ele **sempre** teve **bom ânimo** em Cristo por confiar que estava participando da redenção de Deus para o Seu povo. Paulo já estava participando das bênçãos do Israel espiritual. Ao mesmo tempo, ele ansiava pelo edifício feito para ele por Deus, “casa eterna, nos céus” (5:1). Na era por vir, todos os redimidos estarão, em termos literais, “vestidos” ou serão “revestidos” (*ependuomai*; 5:2, 4) de um corpo celestial.

A criação de Deus, que, por natureza, está **no corpo** da carne está **ausente do Senhor**. Estar presente com o Senhor na era por vir, revestido de alguma forma espiritual e eterna, não implica a perda da identidade individual. Algum nível de continuidade será mantido do corpo terreno para o celestial. Paulo previu que haverá uma mudança do terreno para o celestial. A vinda do Senhor não

lhe causava medo. Quanto à expectativa da era vindoura, ele se encheu de “bom ânimo”, mantendo os olhos fixos no cumprimento das promessas de Deus. Paulo não permitia que o sofrimento experimentado neste mundo lhe roubasse a alegria no Senhor.

Versículo 7. Estar “ausente do Senhor” significa que, por ora, os cristãos não podem experimentar todas as bênçãos que Deus preparou para o Seu povo. Estar “no corpo” requer confiança nas promessas de Deus. Significa andar **por fé e não pelo que vemos**. “O que vemos”, neste caso, representa a totalidade das experiências proporcionadas nesta vida. Deus não concedeu ao Seu povo uma confirmação sensorial do que Ele tem reservado para eles. “Fé”, aqui, inclui a crença em princípios básicos como os registrados em 1 Coríntios 15:1–5 – e significa muito mais. Significa colocar-se nas mãos de Deus, confiar nas promessas que Deus fez.

A confirmação visível de que Deus estava agindo no mundo deu-se por meio dos milagres que Jesus realizou, particularmente o da ressurreição corpórea do próprio Jesus dentre os mortos. O Espírito Santo operou por meio dos apóstolos (veja 2 Coríntios 12:12; Gálatas 3:5) para a confirmação da fé, mas o pecado ainda reinava. Testemunhos precisam ser examinados. As pessoas às vezes mentem ou se enganam. Um suposto milagre às vezes não passa de prestidigitação ou truque de um falso mestre. Os cristãos devem unir as evidências ao testemunho de Deus em suas próprias vidas e andar pela fé. **Andar** “por fé” é obedecer; mas primeiro ocorre a decisão pessoal de se revestir de Cristo. Fé significa incorporar Deus à vida como um parceiro. Significa adorar a Deus, orar a Deus e buscar força em Deus. Significa viver tendo em vista a vida por vir. Fé, “andar por fé”, significa viver uma vida santa e piedosa.

Versículo 8. Pela segunda vez (em 5:6, “bom ânimo”), o apóstolo se referiu à sua **plena confiança** em Cristo (5:8). Refletindo sobre a graça de Deus e a missão que este havia lhe confiado, o apóstolo recusava-se a desanimar (4:1, 16). O verbo traduzido aqui por “estar em plena confiança” e em 5:6, por “ter bom ânimo” está, em ambos os casos, no tempo presente. O presente grego indica que o ânimo de que Paulo precisava era uma constante em sua vida. Na ocasião em que uma turba clamou por sua morte e ele estava “desesperado até da própria vida” (1:8), a calma, a confiança e o ânimo do apóstolo o ajudaram a perseverar.

Paulo assegurou seus leitores de que ele ficaria muito contente, quando chegasse a hora, de não ter de carregar o sobrepeso do corpo da carne. Na época em que escreveu 2 Coríntios, ele preferia **deixar o corpo e habitar com o Senhor**; mas Jesus tinha mais planos para ele nesta vida. Talvez seis anos depois de escrever esta carta aos coríntios, Paulo disse algo semelhante aos filipenses: “Ora, de um e outro lado, estou constringido, tendo o desejo de partir e estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor. Mas, por vossa causa, é mais necessário permanecer na carne” (Filipenses 1:23, 24). Em Cristo, Paulo encontrou ânimo para executar sua tarefa. Quando a morte viesse para o apóstolo, não seria um momento de pavor. Deixar este mundo significava fazer a transição de um modo de existência corpórea para outro. O corpo celestial prometia ser muito melhor do que o terreno.

Versículo 9. Paulo não explicou o que ele quis dizer com “deixar o corpo” no versículo anterior. Ele se considerava **presente**, não **ausente**, desde que estivesse com o Senhor num sentido mais íntimo.

A prioridade de Paulo – no corpo terreno, num estado destituído de corpo ou no corpo dado na ressurreição – era agradar a Deus. **É por isso que também nos esforçamos**, disse ele, **para Lhe sermos agradáveis**. O maior empenho de Paulo era nada buscar senão o que agrada ao Senhor. Ele se incluiu no verbo *φιλοτιμέομαι* (*filotimeomai*), que significa “ter como ambição, aspirar a”, e que ocorre apenas três vezes no Novo Testamento, todas elas em suas cartas (veja Romanos 15:20; 2 Coríntios 5:9; 1 Tessalonicenses 4:11).

No mundo greco-romano, “...muitos ricos se esforçavam para superar seus iguais no serviço público filantrópico”¹³. Da mesma forma, no mundo moderno, os nomes dos benfeitores adornam edifícios que eles ajudaram a construir. O substantivo correlato, *φιλοτιμία* (*filotimia*, “amor às honras”), não se encontra no Novo Testamento, mas é bastante comum na literatura contemporânea aos escritos apostólicos. Muitos como o homem da parábola dos primeiros lugares, em Lucas 14:7, consideravam louvável o amor às honras. Paulo destacou o paradoxo que sua carta apresentava aos coríntios: Deus conduz os cristãos num cortejo triunfal (2:14). Nossos corpos são o aroma de Cristo para os salvos, mas cheiro de morte para os

¹³ Bauer, p. 1059.

que se perdem (2:14–16). Pregamos como escravos por amor a Cristo (4:5). Paulo só se orgulhava na fraqueza: “Porque nós também somos fracos nEle” (13:4; veja 11:30). A única honra que Paulo desejava ter era agradecer ao Senhor.

Versículo 10. A verdade de que Deus é nosso Juiz e Salvador é um tema recorrente no Antigo e no Novo Testamento. Sem abrir mão da convicção de que Deus é nosso Juiz (Romanos 14:12), Paulo afirmou que **todos nós compareceremos perante o tribunal de Cristo**. No Antigo Testamento, os julgamentos de Deus eram executados nesta vida. Por causa dos pecados do povo, Deus mandou pragas ou grandes secas/fomes. Em casos graves, Ele enviou exércitos invasores, cidades foram destruídas e povos, transportados para terras estrangeiras. A justiça nas mãos de Deus era, na maioria das vezes, coletiva, porém, ocasionalmente, ocorria a justiça individual. (Por exemplo, veja Provérbios 24:12.)

No Novo Testamento, o julgamento é, em grande parte, individual. Ele acontecerá num encontro vindouro com Deus, no qual **cada um receberá segundo o bem ou o mal que tiver feito por meio do corpo**. No julgamento, será decidido o destino eterno do indivíduo. Ao mesmo tempo, o Novo Testamento não relega as bênçãos de Deus ao mundo vindouro. Deus responde às orações e abençoa aqueles que vivem retamente nesta vida. A vida em Cristo proporciona múltiplas alegrias. Charles H. H. Scobie fez este lembrete:

Se no [Antigo Testamento] predomina o julgamento nesta vida e na história, o julgamento futuro é a principal ênfase no [Novo Testamento], todavia o que acontece no julgamento final é visto como uma ratificação do julgamento que ocorre no presente.¹⁴

Assim como Jesus compareceu ao “tribunal” (*βῆμα*, *bēma*) de Pilatos (Mateus 27:19), Paulo compareceu ao “tribunal” (*bēma*) de Gálio em Corinto (Atos 18:12). Ele entendia bem que todos comparecerão perante o “tribunal” (*bēma*) de Cristo. Cada um que comparecer ao tribunal de Cristo receberá de Cristo um veredito baseado no que ele fez nesta vida, isto é, no corpo da carne.

Por um lado, Paulo pensava a salvação como uma questão inteiramente dependente da graça de Deus em Cristo. Todos pecaram. O perdão dos pe-

¹⁴ Charles H. H. Scobie, *The Ways of Our God: An Approach to Biblical Theology*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 2003, p. 697.

cados – salvação – é pela graça mediante a fé. Ao mesmo tempo, o julgamento será de tal maneira que “cada um receberá segundo o bem ou o mal que tiver feito por meio do corpo”. O comportamento do indivíduo fará diferença na hora em que Cristo anunciar a sentença. Se o que o indivíduo fez no corpo – mesmo sendo cristão – for mal, esses atos resultarão no banimento da presença de Cristo. Este era um tema sério em Israel. O salmista disse:

Uma vez falou Deus,
duas vezes ouvi isto:
Que o poder pertence a Deus,
e a Ti, Senhor, pertence a graça,
pois a cada um retribuíis
segundo as suas obras (Salmos 62:11, 12).

A graça não exclui a responsabilidade humana. Só o Deus onipotente e onisciente ocupa a posição de juiz, a fim de que a graça e a responsabilidade sejam equilibradas.

CONTROLADOS PELO AMOR DE CRISTO (5:11–15)

À medida que 2 Coríntios continua, vai ficando mais evidente que Paulo estava enfrentando obstáculos significativos ao orientar a congregação. É claro que muitos na comunidade da igreja ainda tinham boa vontade para com ele. Paulo havia ensinado a maioria daqueles cristãos, comendo e sofrendo provações com eles. Muitos coríntios, porém, eram recém-convertidos e havia outros que Paulo não conhecia. Primeira Coríntios revela que alguns que confessaram a Cristo permaneceram na prática da idolatria. Aos que haviam rompido com o paganismo apenas parcialmente, Paulo representava um tipo de lealdade a Cristo que eles julgavam rígida demais. Além disso, assim como outros mestres, Paulo tinha visitado Corinto, pregado ali e depois ido embora. Os membros da igreja achavam que podiam cuidar de si mesmos e não precisavam de sua constante interferência.

Os caluniadores de Paulo subestimaram a determinação dele de edificar comunidades cristãs duradouras. Os que haviam se convertido a Cristo estavam incorporando a fé ao seu viver diário. Estavam demonstrando a ética e os valores de Jesus naquela cultura. Entretanto, Paulo pode ter subestimado, também, a determinação dos crentes farisaicos de exigir que os cristãos gentios aderissem aos marcadores étnicos do judaísmo (Atos 15:1, 5). Assim que souberam do sucesso de Paulo

em Corinto, mandaram emissários para convencer os convertidos gentios a serem discípulos de Moisés (2 Coríntios 3:15, 16; 11:22). Esses mestres se aproveitaram de algum descontentamento dos coríntios com o apóstolo. A viagem do apóstolo de Éfeso a Corinto foi cancelada (2:1–3). A igreja em Corinto continuou a lutar pela unidade, conforme refletido na primeira carta; mas a controvérsia evidente em 2 Coríntios girava em torno do apóstolo.

A ligação de Paulo com os cristãos coríntios se evidencia em 1:12: “...na graça divina, temos vivido no mundo e mais especialmente para convosco”; e também na carta em que o apóstolo teve de se defender. Os caluniadores o obrigaram a negar as acusações de agir com hesitação (1:17). A pregação de Paulo, alegavam eles, se comparava à pregação dos que mercadejavam falsas mensagens (2:17). Porque podia se recomendar à consciência de qualquer homem, Paulo se recusou a desanimar. Em sua segunda carta, ele fez uma breve digressão a fim de lembrar seus leitores da direção para onde a fé em Cristo os estava conduzindo (4:16—5:10). Era hora de voltar a defender a sua missão.

¹¹E assim, conhecendo o temor do Senhor, persuadimos os homens e somos cabalmente conhecidos por Deus; e espero que também a vossa consciência nos reconheça. ¹²Não nos recomendamos novamente a vós outros; pelo contrário, damos-vos ensejo de vos gloriardes por nossa causa, para que tenhais o que responder aos que se gloriam na aparência e não no coração. ¹³Porque, se enlouquecemos, é para Deus; e, se conservamos o juízo, é para vós outros. ¹⁴Pois o amor de Cristo nos constrange, julgando nós isto: um morreu por todos; logo, todos morreram. ¹⁵E ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou.

Versículo 11. O temor do Senhor advém do conhecimento de que “todos compareceremos perante o tribunal de Cristo” (5:10). O apóstolo selou a relação entre os versículos 10 e 11 usando *oûv* (*oun*, e **assim**). Ele sabia que Cristo julgará com severidade os perdidos no pecado. Assim como o próprio Senhor, Paulo desejava que ninguém experimentasse essa condenação. Por essa razão, e para a glória do Senhor, ele se empenhou em **persuadir** as pessoas a se revestirem de Cristo e se desviarem de seus maus caminhos. Pregar o evangelho en-

volvía persuasão. Quando as pessoas obedeciam fielmente a Cristo, elas se beneficiavam da verdade de que Aquele “que não conheceu pecado” (5:21) tornou-se pecado por Paulo e por todos.

Pela graça de Deus, a volta do Senhor não instigava medo aos que haviam sido persuadidos pelo testemunho apostólico. É claro que os perdidos no pecado tinham um medo legítimo de enfrentar o Senhor. Essas circunstâncias compeliram Paulo a ser fiel à missão que Cristo lhe confiou. Sabendo que todos comparecerão perante o tribunal de Cristo, Paulo entendeu que o temor ou medo de se perder pode ser usado pelo pregador para persuadir o pecador a se arrepender.

Alguns pregadores modernos hesitam em usar o medo como motivação para seus ouvintes obedecerem a Cristo¹⁵. É verdade que quem está em Cristo não precisa temer a condenação (Romanos 8:1). João escreveu: “o perfeito amor lança fora o medo” (1 João 4:18). A confiança na graça de Deus pode evitar o medo, porém pregar sobre a ira de Deus é um apelo válido para os perdidos no pecado confessarem e obedecerem a Cristo. Paulo escreveu aos cristãos de Roma: “A ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e perversão dos homens que detêm a verdade pela injustiça” (Romanos 1:18). Ele também disse que aqueles que foram justificados pelo sangue de Cristo “serão salvos da ira de Deus por meio dele” (Romanos 5:9). Visto que aqueles que morrem sem Cristo experimentarão a ira de Deus contra o pecado, aqueles que ainda não aceitaram o benefício do sacrifício de Cristo fariam bem em se arrepender de sua rebelião e desenvolver temor a Deus.

Aparentemente, Paulo estava defendendo seu trabalho – não só de apresentar Cristo aos perdidos, mas também de insistir na fidelidade sem fazer concessões. Estavam inerentes à sua mensagem duas proposições: os deuses da Grécia pagã não eram deuses, e o arrependimento exigia o abandono do pecado. Enquanto Paulo defendia o seu ministério aos leitores, sua missão de persuadir os perdidos a aceitar Jesus como o Filho de Deus não foi esquecida. A menos que as pessoas venham a conhecer a Cristo, e a menos que O obedeçam, elas estarão perdidas em seus pecados.

¹⁵ Paul Barnett, por exemplo, pensou que “temor” em 5:11 “não está relacionado com condenação” (Paul Barnett, *The Second Epistle to the Corinthians*, The New International Commentary on the New Testament. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1997, p. 280, n. 5).

O apóstolo não tinha dúvidas sobre ser **conhecido por Deus**, mas ele ainda queria fazer mais. Dirigindo-se aos coríntios na segunda pessoa, ele apelou aos que amava: **Espero que também a vossa consciência nos reconheça**. Ele queria que os irmãos entendessem por que ele empregou sua energia em levar o mundo a conhecer a Cristo.

Versículo 12. Provavelmente, Paulo tornou mais fácil seus oponentes em Corinto o atacarem quando ele relutou em recomendar a si mesmo ou apresentar cartas de recomendação (3:1). Ele sentiu a necessidade de defender a si mesmo e a seu ministério. O apóstolo insistiu: **Não nos recomendamos novamente a vós outros; pelo contrário, damo-vos ensejo de vos gloriardes por nossa causa**. Em resposta à sua autodefesa, seus inimigos o haviam atacado porque ele se recomendou. Então, em resposta ao seu silêncio, eles o acusaram de admitir que eles estavam certos o tempo todo.

Revelando o que se passava em seu coração, Paulo descreveu seus oponentes como os **que se gloriam na aparência e não no coração**. Tudo o que ele queria era dar a seus amigos um meio de defendê-lo – como disse ele, **para que tenhais o que responder**. Não convinha ao apóstolo ter que se defender. Na opinião de Paulo, os cristãos coríntios deveriam ter assumido sua defesa (12:11). Especialmente em Corinto, eles sabiam que o coração de Paulo estava bem-intencionado. O apóstolo queria ser defendido por aqueles que se importavam mais com o coração do que com a aparência. Em 5:11, ele escreveu sobre a esperança de ser “reconhecido também na consciência” deles. A seguir, ele comparou a sua conduta com a dos que se “gloriavam na aparência” (literalmente, aqueles cuja vanglória estava “na face”, ἐν προσώπῳ *en prosōpō*; 5:12). Se fosse necessário, o apóstolo não teria medo de lembrar outros de sua constatação (veja, por exemplo, 1 Coríntios 15:10). Ao fazer isso, ele sempre incluía um lembrete de que a graça de Deus havia alterado o rumo de sua vida. Tudo era para a glória de Deus; ele nada buscava para si mesmo.

Versículo 13. Paulo deu voz ao que seus críticos aparentemente estavam dizendo: “Ele está fora de si”. Um léxico diz que o verbo ἐξίστημι (*existēmi*, “tornar-se separado de [algo]”) sugere uma “incapacidade de raciocinar normalmente”, “perder a cabeça, perder os sentidos”¹⁶. Nas cartas paulinas, esta é

¹⁶ Bauer, p. 350.

a única ocorrência do termo.

Os oponentes haviam alegado que o zelo de Paulo em ensinar a Cristo era uma evidência de que ele estava louco. A família de Jesus supôs que Ele havia perdido os sentidos pelo modo como Ele se sujeitou aos críticos (Marcos 3:21). Uma acusação semelhante foi feita contra Paulo por Festo, em Atos 26:22–24. O apóstolo afirmou que seu zelo era **para [com] Deus**. Paulo não era um mero fanático; ele era cauteloso e dedicado no serviço prestado a Cristo. Seu **juízo** (*σωφρονου̐μεν, sōfronoumen*) estava conservado enquanto ele se empenhava na salvação dos coríntios (5:13). Seu trabalho constante e dedicado era por eles – pelos cristãos de Corinto.

Versículo 14. Continuando a justificar seu ministério, Paulo explicou: **Pois o amor de Cristo nos constrange** (*ἡ γὰρ ἀγάπη τοῦ Χριστοῦ συνέχει ἡμᾶς, hē gar agapē tou Christou sunechei hēmas*). Era o amor que o impulsionava a agir com tanto zelo. Referia-se ele ao seu próprio amor por Cristo ou ao amor de Cristo pela humanidade? Qualquer uma das opções encaixa-se bem no contexto. Em 5:11, ele disse que “o temor do Senhor” o impelia a prosseguir. Se “o amor de Cristo” é estruturalmente equivalente ao “temor do Senhor”, então Paulo estava pensando no seu amor a Cristo. No entanto, o que se segue indica que Paulo se referia ao amor de Cristo por nós. Tanto o amor quanto o medo eram fatores que instavam o apóstolo a pregar o evangelho aos perdidos.

O amor de Cristo por Sua criação evidenciou-se na Sua morte por todos. O apóstolo não poderia amar a Cristo sem amar aqueles a quem o Senhor amava. Quando Cristo morreu por todos, Ele também morreu no lugar de todos; Ele sofreu para beneficiar a todos. Cada ser humano é convidado a participar do sacrifício expiatório. O preço pelos pecados daqueles que se convertem a Cristo pela fé já foi pago, mediante o pagamento vicário na cruz. O apóstolo concluiu que **um morreu por todos; logo, todos morreram**. Colin G. Kruse comentou:

É o caráter excepcional do amor de Cristo, entendido como o que o mobilizou a morrer em nosso lugar, que explica satisfatoriamente o grande poder motivador na vida de Paulo.¹⁷

¹⁷ Colin G. Kruse, *The Second Epistle of Paul to the Corinthians*, Tyndale New Testament Commentaries. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1987, p. 123.

Versículo 15. Conquanto Cristo **morreu por todos**, os cristãos deixam de viver **para si mesmos**. Já não vivemos para nossos próprios desejos nem servimos somente a nós mesmos, e sim Àquele que por nós **morreu e ressuscitou**. Vemos gratidão nessas palavras de Paulo. Ao fazer tanto pelos remidos, Cristo nos desperta o desejo de agradá-IO. O próprio Jesus disse: “E eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a Mim mesmo” (João 12:32). Além de ter gratidão pela morte sacrificial de Cristo, o apóstolo queria que seus leitores levassem em conta outros aspectos. Além de morrer por nós, a Sua criação, o Senhor também ressuscitou por nós. Como seguidores de Cristo, vivemos para Ele quando deixamos de servir para nós mesmos. Vivemos sob a perspectiva de sermos perdoados de nossos pecados e nos unirmos a Ele por toda a eternidade.

A expiação vicária evidente em 5:15 gera a reconciliação comentada no restante do capítulo. Visto que Cristo morreu por todos, aqueles que O conhecem devem estar dispostos a viver para Ele. O desejo de viver para Cristo é a causa do zelo do ministério de Paulo entre os coríntios. Paulo não parou na afirmação de que Cristo morreu. Ele de fato morreu – mas também ressuscitou. As bênçãos de uma vida com Deus não estão reservadas para o porvir. As recompensas dos discípulos de Cristo começam nesta vida.

RECONCILIADOS COM DEUS “POR MEIO DE CRISTO” (5:16–21)

A fé de quem vive em Cristo resulta da assimilação de conceitos-chave. “Graça” é um desses importantes conceitos. Deus agiu por iniciativa própria para salvar a humanidade, movido por Seu amor eterno. Palavras como “resgate” e “propiciação” ajudam os crentes a entender o que aconteceu na cruz. Centre todas essas palavras maravilhosas, uma que se destaca no vocabulário do cristão é “reconciliação” (5:18). Paulo adentrou esse tema no capítulo 5, lembrando seus leitores de que, se Cristo morreu por todos, todos morreram nEle. Nós, cristãos, morremos para o velho homem que éramos e fomos vivificados em Cristo.

Dentro do corpo de Sua igreja, tem início a nova vida com Deus. A noiva foi apresentada ao marido (11:2). O casamento propriamente dito aguarda a volta do Senhor para ser consumado. Os cristãos vivem na esperança, no ínterim entre a morte de Cristo na cruz – quando Ele comprou

para Si um povo e reconciliou a raça humana com Deus – e Sua volta no fim dos tempos. A igreja tem a tendência de se desviar por questões sociais que afetem a era atual. Recapitulando, vez após vez, os grandes temas da fé encontrados nas Escrituras, o povo de Deus sempre terá os recursos para lutar contra o pecado e ser o povo reconciliado que Ele nos chamou para ser.

¹⁶Assim que, nós, daqui por diante, a ninguém conhecemos segundo a carne; e, se antes conhecemos Cristo segundo a carne, já agora não o conhecemos deste modo. ¹⁷E, assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas.

¹⁸Ora, tudo provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo e nos deu o ministério da reconciliação, ¹⁹a saber, que Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões, e nos confiou a palavra da reconciliação. ²⁰De sorte que somos embaixadores em nome de Cristo, como se Deus exortasse por nosso intermédio. Em nome de Cristo, pois, rogamos que vos reconcilieis com Deus. ²¹Aquele que não conheceu pecado, Ele O fez pecado por nós; para que, nEle, fôssemos feitos justiça de Deus.

Versículo 16. O desejo intenso de Paulo de pregar o evangelho em todos os lugares surgiu do conhecimento de que Cristo “morreu por todos” (5:14). Ciente disso, ele já não podia olhar para as pessoas como antes. Paulo emitiu uma declaração aos que tentavam tirar-lhe o crédito em Corinto: o que pensavam dele tinha pouca importância. Tempos atrás, Paulo conhecia as pessoas **segundo a carne**, isto é, pela aparência física, pelos hábitos e recursos. Ele fazia essa avaliação segundo os mesmos critérios utilizados pelas pessoas não regeneradas. Mas isso ficou no passado do apóstolo. **Já agora** Paulo estava determinado a **conhecer** ou reconhecer cada pessoa como um ser humano pelo qual o Senhor morreu. O olhar do apóstolo para os que o criticavam era, agora, diferente porque ele possuía o conhecimento de Cristo.

Da mesma forma, Cristo era antes conhecido como Jesus de Nazaré pelos sentidos físicos. Jesus comeu com pecadores, foi crucificado pelos romanos. Antes, Paulo conhecia a Cristo assim como as pessoas costumam se conhecer no afã diário. Agora, porém, seu conhecimento de Jesus transcendia

as meras experiências da carne. Ele explicou: **e, se antes conhecemos Cristo segundo a carne, já agora não o conhecemos deste modo.** F. F. Bruce escreveu: “O contraste que ele está fazendo, entre sua atitude anterior em relação a Cristo (e ao mundo em geral) e sua atitude presente em relação a Cristo (e ao mundo em geral) é que agora ele está ‘em Cristo’”¹⁸. Paulo agora conhecia Jesus de um modo diferente, não segundo a carne, por isso ele sabia do valor das pessoas por quem Cristo morreu. A NTLH parafraseia bem 5:16: “Por isso, daqui em diante, não vamos mais usar *regras humanas quando julgarmos alguém*. E, se antes de nos termos tornado cristãos julgamos Cristo de acordo com regras humanas, agora não fazemos mais isso” (grifo meu).

Este versículo não trata da questão de Paulo alguma vez ter visto Jesus em carne. Pode-se presumir que Saulo, o fariseu, estava em Jerusalém em algumas ocasiões em que Jesus estava lá. Contudo, ele nunca mencionou que viu o Senhor. Alguns estudiosos entendem que Paulo disse ter visto Jesus, uma vez, na carne; mas se isso for verdade, a referência é obscura. Na hipótese de Paulo ter visto Jesus antes do incidente na estrada para Damasco, esse encontro deve ter sido importante para ele. Certamente o ajudou a responder alguns pontos críticos. O fato de Paulo jamais mencionar que viu Jesus em carne e osso sugere que não devemos forçar este versículo a ter este significado.

Versículo 17. Falando primeiramente de si mesmo e depois de todos os que conheceram a Cristo, Paulo disse que estar em Cristo é participar de uma nova forma de ser: **E, assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura.** Deus agiu de forma decisiva na história humana para fazer acontecer algo totalmente novo. **As coisas antigas já passaram.** Talvez o apóstolo estivesse conscientemente ratificando Isaías 65:17 e 18:

Pois eis que eu crio novos céus e nova terra; e não haverá lembrança das coisas passadas, jamais haverá memória delas. Mas vós folgareis e exultareis perpetuamente no que Eu crio; porque eis que crio para Jerusalém alegria e para o seu povo, regozijo.

Empregando essa linguagem escatológica ou do fim dos tempos, típica de Isaías e de outros profetas, Paulo disse que Deus, por meio de Cristo, invadiu a antiga ordem da humanidade. Depois que

¹⁸ F. F. Bruce, *Paul: o apóstolo da graça, sua vida, cartas e teologia*. São Paulo: Shedd Publicações, 2003, p. 94.

Deus criou a humanidade e o pecado entrou nos seres humanos, a velha criação prevaleceu. Então, em Cristo, Deus voltou aos seres humanos para recriar um povo. **Eis que se fizeram novas**, disse Paulo em 5:17.

A tradução da ARA, “é nova criatura”, pode ser mal interpretada. Na terminologia cristã evangélica, essa expressão pode envolver uma experiência religiosa subjetiva, mas Paulo falava de uma alteração objetiva da relação entre Deus e o indivíduo. A NVI oferece uma tradução mais fiel ao original: “É nova criação”; mas o grego é ainda mais enigmático. O apóstolo entendia que tudo se fez novo, assim que teve início o fim dos tempos. Paulo estava “proclamando a mensagem apocalíptica de que, por meio da cruz, Deus anulou o *kosmos* [κόσμος, ‘mundo’] de pecado e morte e fez surgir um novo *kosmos*”¹⁹. Os cristãos de Corinto ainda estavam vivendo segundo a era antiga, mas em Cristo eles estavam participando da nova era. O reino do Messias havia se estabelecido. George Eldon Ladd disse: “O passar da antiga era não significa o fim da antiga era; ela continua até a *parousia* [vinda]. Mas a antiga era não permanece intacta; a nova acaba de irromper”²⁰. João disse-o nestas palavras: “...as trevas se vão dissipando, e a verdadeira luz já brilha” (1 João 2:8b).

Paulo usou parcamente a terminologia do novo nascimento (mas veja Tito 3:5). O conceito de nova criação está contido no novo nascimento, mas há uma ênfase diferente. Paulo via a novidade em Cristo como um conceito mais coletivo do que individual. O novo nascimento tende a enfatizar o indivíduo e seu relacionamento com Deus, enquanto a nova criação é uma nova ordem mundial. Ser salvo, redimido e reconciliado é, ao mesmo tempo, tomar uma decisão individual e passar a fazer parte de um novo povo, implicando numa nova maneira de se relacionar com as pessoas. Um não seria possível sem o outro: o conceito do indivíduo renascido e o da nova criação.

Versículo 18. A menção da nova criação de Deus, que inclui **tudo**, levou Paulo a uma importante conclusão a respeito do **Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo**. Cinco vezes em três versículos (5:18–20), ele usou ora o verbo *καταλλάσσω* (*katallassō*, “reconciliar”), ora

o substantivo *καταλλαγῆ* (*katallagē*, “reconciliação”). Em outros trechos do Novo Testamento, esse verbo ocorre três vezes (Romanos 5:10, duas vezes; 1 Coríntios 7:11) e o substantivo, duas vezes (Romanos 5:11; 11:15)²¹. O princípio da reconciliação tem enormes implicações religiosas. O ideal, segundo Hans Küng, “...visa à... reconciliação entre mestre e escravo, ideia e sensação, desejo e necessidade, entre a lei do coração e da lei da realidade, virtude e o curso do mundo”²². Com certeza, ele estava certo ao dizer que “a verdadeira reconciliação só é possível se houver reconciliação entre o finito e o infinito, o mundo e Deus”²³.

As ramificações são amplas, mas Paulo estava focado na reconciliação em seu nível mais fundamental, isto é, na reconciliação “por meio de Cristo” que aconteceu na cruz (5:18). Ele queria que seus leitores refletissem sobre o fato de que a necessidade de reconciliação surgiu da realidade do pecado. Os seres humanos estão perdidos no pecado e são inimigos de Deus. Desde o início, construíram barreiras entre eles e o Eterno (veja Romanos 5:10). Deus tomou a iniciativa de remover essas barreiras e efetuar a reconciliação. Por causa de Cristo, não há mais abismo entre Deus e a humanidade. O meio pelo qual Deus efetuiu a reconciliação com a raça humana foi Cristo, que morreu em favor de “todos” (2 Coríntios 5:14, 15). Brevard S. Childs colocou isto desta forma:

...na morte e ressurreição de Cristo, no derradeiro evento do Deus-conosco, Cristo fez a ponte entre o divino e o humano, entre o Ser Único e os muitos seres criados, para nos tornar uma nova criação.²⁴

Embora a obra de reconciliação, num sentido primário, tenha se realizado em Cristo, num sentido secundário, ainda há uma obra a ser feita. Por essa razão, Deus confiou a Paulo o **ministério da reconciliação**. A tarefa de Paulo era dar continui-

²¹ Palavras semelhantes são traduzidas por “reconciliar”. Exemplificando, Jesus disse: “vai primeiro reconciliar-te [διαλλάσσω, *diallassō*] com teu irmão” (Mateus 5:24). Em Efésios 2:16 e Colossenses 1:20 e 22, Paulo usou a palavra composta *ἀποκαταλλάσσω* (*apokatallassō*, “reconciliar”). Por fim, Estêvão usou o composto *συναλλάσσω* (*sunallassō*, “reconciliar”) em Atos 7:26.

²² Hans Küng, *Does God Exist? An Answer for Today*, trans. Edward Quinn. Eugene, Oreg.: Wipf and Stock Publishers, 1980, p. 147.

²³ *Ibid.*, 149.

²⁴ Brevard S. Childs, *Biblical Theology of the Old and New Testaments: Theological Reflection on the Christian Bible*. Minneapolis: Fortress Press, 1992, p. 498.

¹⁹ Richard B. Hays, *The Moral Vision of the New Testament*. San Francisco: HarperSanFrancisco, 1996, p. 20.

²⁰ George Eldon Ladd, *Teologia do Novo Testamento*. Trad. Degmar Ribas Jr. São Paulo: Hagnos, 2003, p. 490.

dade à obra iniciada por Deus mediante a morte do Senhor. O uso de *katallassō* como um termo descritivo para o que Deus fez acontecer na cruz é único nos escritos de Paulo do Novo Testamento. Essa é a palavra-chave tanto neste contexto como em Romanos 5:1–10.

Paulo jamais usa essa terminologia para sugerir que Deus está reconciliado (ou que Deus se reconcilia) com os seres humanos, mas sempre para sugerir que Deus reconcilia o ser humano consigo mesmo ou o ser humano se reconcilia com Deus.²⁵

Versículo 19. A maioria das traduções entende as palavras iniciais, ὡς ὄτι (*hōs hoti*), como termos explicativos. **A saber, que**, por exemplo, indica que o versículo é uma explicação do que está envolvido no “ministério da reconciliação”, mencionado no versículo anterior. O “ministério da reconciliação” era a mensagem que Paulo proclamava: **Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo** [*kosmos*]. Porque os salvos são reconciliados com Deus, Ele **não imputa aos homens as suas transgressões**.

Reconciliação e justificação são conceitos gêmeos, porém cada um enfatiza de uma perspectiva própria o que ocorreu na cruz. Paulo misturou os dois conceitos quando escreveu:

Logo, muito mais agora, sendo justificados pelo seu sangue, seremos por Ele salvos da ira. Porque, se nós, quando inimigos, fomos reconciliados com Deus mediante a morte do Seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela Sua vida; e não apenas isto, mas também nos gloriamos em Deus por nosso Senhor Jesus Cristo, por intermédio de quem recebemos, agora, a reconciliação (Romanos 5:9–11).

Barrett disse:

O não levar em conta o pecado (isto é, o perdão) equivale ao levar em conta, ou o imputar, da justiça; veja o versículo 21. Assim que as transgressões deixavam de ser imputadas ao indivíduo [veja Êxodo 29:10], o caminho estava livre para a reconciliação, nada restando ao homem senão aceitá-la. Isso, porém, não poderiam fazer a menos que fossem informados da possibilidade agora aberta para eles. Isso traz Paulo de volta [em 5:19b, 20] ao tema do seu ministério.²⁶

A obra reconciliadora de Cristo aconteceu por-

²⁵ Seyoon Kim, “2 Cor. 5:11–21 and the Origin of Paul’s Concept of ‘Reconciliation,’” *Novum Testamentum* 39. Outubro de 1997, p. 362.

²⁶ Barrett, p. 177.

que Deus agiu para derrubar o muro de pecado que separava o Criador de Sua criação. Por causa da expiação vicária de Cristo, Deus não leva em conta o pecado dos que se convertem a Ele pela fé em Cristo (Efésios 2:5). A unicidade divina resultou em que o próprio Deus agiu em Cristo para efetivar a reconciliação com a humanidade. Note-se a visão global de Paulo. A vinda de Cristo e Sua morte na cruz foram importantes para o mundo inteiro. O apóstolo foi mais além do que pensar Deus em relação à escolha de Israel como um povo com quem Ele teve um relacionamento exclusivo. A Paulo foi confiada a mensagem que oferece a todos os povos a reconciliação com Deus. Num sentido mais amplo, a missão de reconciliação pertence à igreja do Senhor, a qual se estabeleceu também em Corinto, como resultado da pregação de Paulo. Ser de Cristo, revestir-se dEle, é assumir e levar à conclusão a obra reconciliadora de Cristo. A reconciliação da humanidade com Deus define o cristianismo como uma religião missionária por natureza. **E nos confiou a palavra da reconciliação.**

Versículo 20. Paulo pensou em si mesmo e nos que participam do empenho cristão como **embaixadores em nome de Cristo**. Sendo ele apóstolo, seu papel de embaixador advinha diretamente da comissão de Cristo (Gálatas 1:11, 12). Outros também atuavam como embaixadores de Cristo apoiados na autoridade da pregação apostólica. A expressão “somos embaixadores” em 5:20 traduz um único verbo grego, *πρεσβεύομεν* (*presbeuomen*). Paulo usou essa mesma palavra para si mesmo somente duas vezes. Aqui ele incluiu outros que serviam com ele como mensageiros. Em Efésios 6:20, ele usou esse verbo no singular: “sou embaixador em cadeiras”, ou “preso em correntes” (NVI).

A palavra grega que significa “servir como um embaixador” (*presbeuomen*) deriva de *πρεσβύτερος* (*presbuteros*, “ancião”). Um imperador ou uma cidade normalmente enviavam homens mais velhos e altamente estimados para representá-los em assuntos comerciais ou de guerra. Paul Barnett fez esta análise de 5:20:

Este versículo tem um lugar especial dentro da seção ampliada em que Paulo defende seu ofício apostólico aos coríntios (2:14–7:4). O tom defensivo em certos pontos desta passagem provavelmente reflete um grau de dúvida entre os leitores de Paulo a respeito da validade de sua alegação de apostolado (por exemplo, 2:17–3:3; 5:12–13, 16; 6:3–13; 7:2–4). Paulo, no entanto, deixa implícito que a atitude e o relacionamen-

to os coríntios com ele não podem ser separados de seu relacionamento com Deus e Sua salvação (6:11–13).²⁷

Paulo combinou as ideias de “ancião” e “embaixador”, quando se disse *πρεσβύτες* (*presbutēs*), em Filemom 9. Cronologicamente, ele era um homem mais velho; mas também era um embaixador de Cristo mesmo estando preso. Tendo sido por Cristo designado (cf. Gálatas 1:15) para apóstolo, ele estava ciente de que o ofício de embaixador incluía responsabilidades e uma autoridade únicas. Ele queria que seus leitores entendessem sua autoridade apostólica e ficassem firmes, se alguém tentasse ensinar qualquer coisa diferente do que tinham ouvido dele. Tem em vista seus oponentes em Corinto, Paulo lembrou os irmãos que seu ministério procedia de Deus (veja 2 Coríntios 4:1) e sua pregação não era egoísta. A mensagem que ele pregava fora comissionada pelo Senhor Cristo Jesus e sua missão era ser servo do povo de Deus (4:5).

Paulo, individualmente, em seu ministério apostólico, era um embaixador; mas ele enfatizou que, num sentido geral, todos os crentes são enviados de Cristo ao mundo (5:20). Embora outros não sejam revestidos da autoridade apostólica, todos os crentes receberam de Deus a comissão de representar a Cristo perante o mundo. Os coríntios compreenderiam o zelo de Paulo quando entendessem que o trabalho realizado por ambos era **como se Deus exortasse por... intermédio** deles. A mensagem do apóstolo era um apelo contínuo para que todas as pessoas se reconciliassem com Deus. Por causa do amor de Cristo pela humanidade (5:15), Paulo declarou: **Em nome de Cristo, pois, rogamos que vos reconcilieis com Deus.** Estando já reconciliados, os cristãos deveriam reconhecer a responsabilidade de, assim como Paulo, serem embaixadores em nome de Cristo.

Versículo 21. A obra reconciliadora de Cristo decorria da iniciativa do próprio Deus. **Aquele que não conheceu pecado, Ele O** [Jesus de Nazaré] **fez pecado por nós; para que, nEle, fôssemos feitos justiça de Deus.** Jesus pôde se fazer pecado por nós porque Ele mesmo não cometeu pecado (1 Pedro 2:22, 24). Poucas doutrinas são mais fundamentais para a religião cristã do que a expiação vicária. A expiação é possível porque o Jesus de Nazaré, homem, pagou o preço na cruz pelo

²⁷ Barnett, p. 309.

pecado humano. Ele viveu como Filho de Deus e como Filho do homem, reconciliando a raça humana com Deus. Porque Ele morreu no lugar de um povo chamado, podemos nEle ser a justiça de Deus. Nós, cristãos, conhecemos a justiça de Deus porque somos justificados nEle. Jesus proveu justificação, salvação e reconciliação; nada disso ocorre por mérito humano.

Este é o único versículo de 2 Coríntios em que Paulo usou a palavra “pecado” (*ἁμαρτία*, *hamartia*) em referência à conduta das pessoas em geral. (Compare, por exemplo, com 11:7, em que ele perguntou retoricamente se havia pecado contra os coríntios.) O verbo “pecar” (*ἁμαρτάνω*, *hamartanō*) não aparece em 2 Coríntios, mas sua ausência provavelmente é uma coincidência.

A maneira como Cristo se identificou com o pecado pelo qual morreu exigiu que Paulo escolhesse suas palavras com cautela. I. Howard Marshall comentou:

...se Paulo desejasse asseverar o modo como Cristo se tornou um com os pecadores, ele não poderia dizer que Cristo se tornou um pecador, pois isto seria gravemente enganoso. Logo, ele escolheu dizer que Cristo se tornou um com o pecado. A identificação de Cristo com os pecadores tem o propósito de efetuar uma espécie de troca. Se Cristo se tornou um com os pecadores, o objetivo disso era que os pecadores se tornassem um com aquele que não cometeu pecado e era justo e, assim, participassem de Sua justiça e não impecabilidade.²⁸

O apóstolo continuou a explicar. Não é que os cristãos tenham manifestado a justiça de Deus, nem que tenhamos recebido a justiça de Deus. Paulo disse que aqueles que se convertem a Deus pela fé “são feitos” justiça de Deus. Num sentido importante, a igreja é o modo pelo qual Deus se manifesta visivelmente perante o mundo.

DESTAQUES

Vida Atemporal na Era Vindoura (5:1–5)

Enquanto defendia seu ministério entre os cristãos em Corinto, Paulo ponderou as semelhanças e diferenças entre a era atual e a vindoura. O apóstolo trabalhou em Corinto e em outras cidades para que almas fossem salvas. Salvação significa viver em uma casa feita por Deus, eterna, nos céus. Segundo Paulo, a existência eterna dos salvos não

²⁸ I. Howard Marshall, *New Testament Theology: Many Witnesses, One Gospel*. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 2004, p. 295.

deve ser vista como um espírito nebuloso desprovido de forma corpórea. Os salvos terão corpos na era vindoura. Em contraste com a vida no corpo terreno, a vida no céu será livre de tudo que gera sofrimento.

Temos poucas certezas nesta vida, mas, de uma coisa, não devemos ter dúvidas: *todo corpo humano envelhecerá e morrerá*. Para alguns, isso se dará mais cedo e para outros, mais tarde, mas não há exceções. Assim como o nascimento, a morte é uma experiência universal. O reconhecimento da realidade da morte não é particularmente mórbido. Na fase em que experimentam o declínio do corpo terreno, a maioria das pessoas está pronta para deixar este mundo. A morte é universal, mas não está reservada aos velhos. Algumas pessoas morrem jovens. Séculos antes de Paulo trabalhar com a igreja de Corinto, um homem sábio observou que há um tempo para tudo: “Tempo de nascer e tempo de morrer” (Eclesiastes 3:2a).

Antes de escrever sobre a decadência da “casa terrestre deste tabernáculo” em 2 Coríntios 5:1, Paulo fez uma distinção entre o temporário e o eterno. *A vida na terra, disse ele, é uma existência momentânea*. Em contraste com o que as pessoas veem nesta existência temporária e presa ao tempo, Paulo disse que as coisas invisíveis são eternas. Para os cristãos coríntios, ele disse: “...não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas” (4:18).

Tendo feito a distinção entre o físico e o celestial, o apóstolo passou a comparar os corpos que as pessoas têm neste mundo, tendas feitas de carne e sangue, com a existência corporal no lar eterno que Deus prometeu aos remidos. *Esta residência temporária será trocada por outra, disse ele, que será de tipo diferente*. “Porque sabemos que, se a tenda terrestre que é a nossa casa for derrubada, temos da parte de Deus um edifício, uma casa não feita por mãos, eterna nos céus” (5:1). Quão tolo é, ele sugeriu, trocar as alegrias da vida eterna por gratificações carnis neste mundo!

Quando Paulo lembrou seus irmãos do lar eterno preparado no céu para os que creem, ele agregou implicações importantes a suas palavras. *O apóstolo via este mundo como um campo de testes*. Cada escolha na vida molda o caráter; escolher nos torna o que somos. O que fazemos neste mundo é o que levaremos conosco para o próximo. A maneira como vivemos, o que aprendemos a desfrutar, nos prepara para a vida no corpo eterno. Alguns optam por viver de tal maneira que a habitação eterna que Deus tem preparado para os salvos seria um fardo. Alguns só querem um conhecimento superficial do cristianismo. Por que os que não encontram alegria em adorar na companhia do povo de Deus neste mundo teriam alegria em adorar no céu? Por que os que não amam o bem e a justiça nesta vida achariam que essas coisas são maravilhosas no reino celestial?

Autor: Duane Warden
© A Verdade para Hoje, 2021
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS